AUTOR:

José Barata-Moura

Faculdade de Letras, Universidade
de Lisboa, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.13.03.25>

O vector da crítica na caminhada das Universidades

02

Intervenção em 12 de Setembro de 2013,
na Sessão Solene de Abertura do Ano Lectivo 2013/14
e de Homenagem ao Prof. Manuel Patrício,
na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Agradeço à Universidade do Porto – na pessoa do seu Reitor, Professor José Diogo Marques dos Santos –, e ao Professor Jorge Olímpio Bento, que me abre as portas da sua Faculdade, o muito honroso convite para intervir nesta Sessão de Abertura.

Saúdo a presença de todos. Que o anúncio da minha fala não atraiu. Mas a quem a justa homenagem ao Professor Manuel Ferreira Patrício obrigou.

Lamento que na rifa tenha começado por vos sair, ao jeito de apêndice, este meu entremez indigesto.

Na circunstância, com empenho, tentarei desempenhar-me da encomenda. Sem me encomendar à demasia das palavras de circunstância. Recomendando, em troco, a circunstância do pensar.

1. PRELÚDIO POETANTE

Ao contrário do que algum arejo na candura leva a supôr, «as ideias» também podem atabafar. E atabafam.

Correspondência: José Barata-Moura. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Alameda da Universidade. 1600-214 Lisboa, Portugal.

Quando se revolvem em tropel. Sem poiso. E sem saída. Quando se volem um pretexto para a inacção aconchegada. Quando não se desenvolvem em texto de partilha no contexto comungado de um viver. Quando não dissolvem a carapaça protectora dos ensimesmamentos à espreita.

É por isso que a ventilação das ideias se torna indispensável ao seu respiro. Sobretudo, quando elas são questionáveis. E questionadas.

O debate enriquece. Não porque complica, mas porque implica. Porque confere *densidade* ao portefólio das perspectivas que se aferem.

E, em tempos de conturbação, convenhamos que não fica mal pensar.

A indignação do pasmado pode ser digna e justificada. Mas só se dignifica pela justeza dos itinerários a que abre o passo.

O espasmo convulsivo traz decerto alguma agitação aos miolos. Mas costuma deixar intacto o miolo.

O ataranto (de borboleta) faz que mexe, e remexe. Mas, na tonteira, entontece. Sem dar com o endereço certo onde ir bater.

Para o palmilho de caminhadas, não será por completo falho de propósito que se disponha, mesmo em toco, de alguma noção da cartografia ambiente, e dos roteiros a experimentar.

Mau desenhador de mapas aguarelados, e fraco guia para expedições turísticas pelos trilhos, resta-me discorrer sobre coisas que todos vocês já sabem. E muito melhor do que eu.

Falando, talvez aprenda alguma coisa.

Como o meu querido e saudoso Amigo João dos Santos ensinava, o segredo está em aprender a falar aquilo que o *outro* já sabe...

2. O «VELHO» E O «NOVO»

Na mais do que milenar caminhada das Universidades, vem, não raro, à baila o recorrente bailado do «velho» e do «novo». Coreografado amiúde nos reconfortantes compassos de uma clave metafísica, a que o contraste antitético empresta o tom.

Assentam o pé, uns, no estribo da «tradição». Que, empobrecida, unilateralmente se fixa. E fica atrelada a um rememorar arquivístico do transmitido.

Sentem-se catapultados, outros, pela deslumbrada pulsão da «novidade» pela «novidade». Esquecendo que a *inovação* não se mede propriamente pela variância do «novidoso», mas pelo efectivo *valor acrescentado* que trans-porta.

No extremado caricaturesco destas atitudes, não ganha altitude, porque fica ao recato dos tinteiros, a própria *dialéctica* intrínseca da *cultura*.

Em estado de mumificação avulsa, dispersa por necrópoles ajardinadas, pode a celebrada «cultura» ver-se convertida em piedoso *culto* dos mortos embalsamados. Vitalizada, e como exercício, a *cultura é cultivação* em acto da própria humanidade que nos cumpre protagonizar.

E aqui o enlace volta a ser decisivo.

A cultura só devém realmente *cultivo*, porque revisita *criativamente* patrimónios, porque actualiza e *trans-forma* adquiridos, porque, na dinâmica da história, elabora aportações *novas* à altura das exigências do tempo.

Sob este ponto de vista, e sobre este fundo, a *Universidade*, enquanto peculiar *espaço cultural institucionalizado*, vem, precisamente, a constituir uma *qualificada*, e *qualificante*, *placa giratória* para a *circulação fecunda* do «antigo» e do «novo».

Pergaminhos de historial, e tabuleta no portão, proporcionam aconchego, mas não chegam. A prova de vida está na vitalidade de um labor diversificado que se põe à prova nas provações do viver.

Num universo multiverso, que traz no verso os seus reversos, o desafio que em permanência interpela uma Universidade é o de *cobrir* (as áreas sedimentadas do saber), para *des-cobrir*:

- ao *conhecimento*, direcções alargadas de demanda;
- à *feitura*, horizontes de compreensão que lhe ponham em perspectiva o alcance;
- ao *cidadanato*, uma formação consistente para o desempenho das suas tarefas de cidadania humana.

3. RESPONSABILIDADES DE MISSÃO

Mergulhada nas vicissitudes do acontecer histórico das realidades, e nos seus envencilhados actuante, cabe à Universidade, por vocação e por missão, um eminente feixe *social* de responsabilidades:

- o cultivo *científico* dos saberes;
- a *qualificação* superior dos membros das comunidades em que se inscreve;
- a produção de termos de referência para um cabal exercício de *humanidade* (informado, consequente, capaz).

Nas sociedades contemporâneas, o *cultivo científico dos saberes* adquiriu, e possui, um peso qualitativo *acrescido* na determinação do destino dos povos.

Não se trata de uma remota lembrança vaga daquele *knowledge is power* que trouxe combustível e alento à pesquisa nos alvares da nossa Modernidade.

Não se trata do pertinente reparo ancestral de que uma «ignorância» instilada fornece, na destilação, um desejado «asilo» às abusões mais desvairadas.

Trata-se da quotidiana comprovação de que uma infeliz clausura em estados de «não-saber» persistentes introduz, facilita, e robustece, o curso de todo um emaranhado de dependências à desfilada no galope.

Num âmbito não apenas privado (ou de selecta casta), mas com uma respiração verdadeiramente social (no contorno, e no endereço), o cultivo *científico* dos saberes devém, por isso, e de um modo intensificado:

- requisito de *participação* esclarecida em qualquer tabuleiro do viver (que não só o da concorrência, entre nós, recém-crismada como «competitividade»);
- patamar para o encontro efectivo de respondimento a problemas de agravada *complexidade* (que as conjunturas de crise redobradamente agudizam);
- ingrediente de uma *liberdade* com projecto (que se não restringe à rapsódia volátil de opiniões manipuláveis ao embalo da meteorologia das urnas);
- esteio de um dos pilares da *soberania* (que não é casticismo descartável, nem um ciumento coçar dos umbigos, mas intransferível expressão colectiva da *autonomia* de um Povo no dar-se um destino).

A responsabilidade não se esgota num contabilístico jogo de prestação de contas. A responsabilidade não é remordimento em desculpas por uma «culpa» que entretanto se introjecta.

Responsável é a Universidade que não abdica de ter voz, e gesto. Responsável é a Universidade que assume *responder*.

4. O VECTOR DA CRÍTICA

Pôr em equação um problema não resolve por encanto as questões. Mas dissolve porventura o encantamento de quantos imaginam, despreocupadamente, nada haver a questionar.

Porque o «novo» im-porta, proponho para debate o renascimento sério, não de uma «pre-ocupação», mas de uma *ocupação* antiga.

Refiro-me ao *vector* da crítica -- que algo arredo parece andar daquelas usanças que mais estrondoso aplauso colhem junto das turmas de nadadores e de surfistas do auto-denominado *main stream* das marés.

Faz falta que a Universidade volte a colocar a *crítica* no foco das suas atenções e dos seus labores.

Criticar não é dizer mal. É procurar ver bem.

Criticar não é contra-pôr a um enunciado unilateral dado outras abstracções que simplesmente se debitam. Criticar é tentar pôr o entramado dos processos na articulada concreção devenida que formam, para melhor o ex-pôr.

Criticar não é partir em garbosa expedição exaltada rumo aos preceituários de um «dever-ser» normativo, besuntado de flamejantes tinturas axiológicas (que agradam ao ouvido, ainda que toldem a visão). Criticar é passar pelo *crivo* do exame racional, e do discernimento, a imediatez positivada do *ser*, para lhe des-compor as «evidências», para lhe des-cobrir a negatividade que o trabalha internamente.

A crítica não é uma excursão pitoresca pelos arredores da realidade. Nem um «curto-circuito» intelectualmente provocado nas conexões que a estruturam. É uma operação que faculta a entrada no esforço pela inteligibilidade do real.

Descrever (com correcção) e medir (com rigor) são passos de um trajecto que de todo se não dispensam. Supõem caudais de material informativo digerido, uma afinação segura dos instrumentos de busca, e, sobremaneira, um estabelecimento adequado dos problemas e dos questionários.

Mas a *compreensão* que se demanda
 requer uma *sondagem* dos *fundamentos* sobre os quais repousa aquilo que como facticidade empírica aparece,
 mobiliza um surpreender das *dinâmicas* de que se tece e entretece,
 e não descarta o desenho, e a exploração, daquele leque de *possibilidades reais* (materialmente fundadas, mesmo quando subjectivamente operadas) que cada existência comporta e adiante de si projecta.

A teoria (mesmo se correcta), por si só, não transforma. Altera quando muito -- o que, às vezes, não é pouco -- paradigmas. Mas para *transformar* realmente é preciso *compreender* o real: nos seus alicerces, nas suas movimentações, nos obstáculos que lhe contrariam a tendencialidade instalada. O que – convenhamos – dá trabalho.

Sem o exercício criterioso e fundado destes vectores da *crítica*,
 não há conhecimento que se apure,
 não há saber que se possua,
 não há descoberta que sobrevenha.
 Não há também prática consistente que resolva.

5. CODA

Termino.

Perante os suados desrortos que a crise faz soar, a busca de orientação não pode prescindir dos suores da *crítica*.

E uma Universidade viva não pode meter baixa do ofício de viver. Não pode ir à «sua vidinha», e alhear-se da complicada (e controversa) lavrança dos comungados labirintos desta vida.

Não pode. Porque pode.

Trair. Assobiar. Fazer de conta.

Ou, pelo contrário, ensaiar ser fiel àquilo que é.

O tema, nem sempre bem tocado, é velho no nosso repertório. Até porque *alienação* não rima com *autonomia*.

A procura con-solidada do saber reclama um labor conjunto. Não para além das contradições (na celestial irmandade de uma suposta redoma higienizada), mas dentro das contradições. No interior mesmo da terra-mãe onde a contraditoriedade se revolve, e as raízes mergulham.

O claustro proporciona remansos à inteligência. Não para o entretém. Mas para que ela se active.

É de tempestiva conveniência, portanto, cuidar de que os mansos ajardinados da academia se não convertam:

num apazível reduto para a razão manca,
num panorâmico miradoiro da história paralítica,
numa frenética oficina atarantada para fugazes sucessos de capela,
num coto de caça desportiva para recreio de uma intelectualidade afectada de (e infectada por) manifestas dificuldades de locomoção no mundo real.

A *sinopsia*, a visão de conjunto dos con-juntos, requer um plano superior para as atalaias. Mas a vigia, ainda que empoleirada num aparente torreão, nunca perde da vista o *horizonte* do viver.

Mesmo quando diligentes alfaiates lhe confeccionam um aparatoso guarda-roupa de sofisticados modelos (para facilitação das métricas); mesmo quando certificadas sabenças dele falam numa linguagem abstrusa (que, não raro, traduz tão-só minguados no conceber); mesmo quando se lhe fantasiam criativas ficções (porque a Arte con-siste na trans-gressão da imediatez do dado) -- é sempre do *mundo real* (que aos protocolos do existente se não circunscreve), e para efeitos de intervenção no mundo real, que uma *inteligibilidade*, concreta no múltiplo das suas formas, se demanda.

Sob a alçada de certos manuseios hábeis, e capturado nas teias da prontidão do ganho, o saber pode tornar-se «interesseiro».

Mas a ciência – mesmo a mais depurada, e reticente ao baixio das aplicações – nunca é *des-interessada*. Sob pena de, nos excessos da levitação seráfica, perder o pé. E estatelar-se.

Todo o conhecer, todo o pensar, todo o agir, estão montados sobre um viver. São uma função vital.

Interesse é inter esse. Estar, e ser, *entre* (com outros) e *no meio* de um mundo, que sofremos, que construímos, que transformamos.

Inscrevendo no corpo deveniente das realidades -- das quais somos ingrediência e agência -- o cunho, a marca, o rasto, da *humanidade* que vamos protagonizando.

No esplendor das façanhas que os anais registam. Na modéstia comezinha de um dia-a-dia aparentemente sem história.

Tremenda responsabilidade esta, que nos empapa a destinação.

Divertir, é bom.

Permite re-temperar.

Mas para reverter, com revigorado tempero, à feitura do futuro, ao a-fazer do por fazer, ao trabalhar da esperança.

E pelo embrenhado destas silvas, sem *crítica*, a caminhada fraqueja no destino.

No estabelecimento arquitectónico dos desígnios, como na manobra prática das operações, o exame *crítico* recorrente desempenha um insubstituível papel de mediação.

Transformar compreendendo. Compreender para transformar.

Muito obrigado pela paciência da vossa escuta